



QUESTÕES DE INVISIBILIDADE NA LITERATURA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DE TEXTOS DE AUTORES AMERICANOS DESCENDENTES DE AFRICANOS, NOS ESTADOS UNIDOS

Marli Merker Moreira*

Resumo – Este artigo busca examinar instâncias de invisibilidade na literatura de americanos descendentes de africanos e também algumas ponderações teóricas relacionadas ao tema em questão. Apresenta, além disso, pensamentos e sentimentos de um grupo de alunos de English as Foreign Language (EFL), graduandos em Letras, sobre literatura e sua rede de possíveis relações com outros conceitos, como o de identidade e invisibilidade, bem como seus mapas conceituais, que são usados como trampolim para uma apresentação teórica sobre invisibilidade em literatura.

Palavras-chave: literatura, invisibilidade, literatura de americanos descendentes de africanos, identidade, raça.

Invisibility issues in literature: a view based on texts by african american authors in the United States

Abstract – This article aims at looking at instances of invisibility in African American literature and at some theoretical references related to the focus of this theme. It also presents thoughts and feelings of a group of undergraduate students of Languages and Literature about literature and its possible net of relations with other concepts, such as identity and invisibility, and their concept maps are introduced as a springboard for a theoretical presentation on invisibility related to literature.

Keywords: literature, invisibility, African American literature, identity, race.

INTRODUÇÃO

O tema invisibilidade em literatura é por demais amplo para ser abordado, com adequação e pertinência necessárias, em apenas um artigo. Há múltiplas janelas pelas quais se pode visualizar o tema: questões de gênero, cor de pele, etnias, culturas, posição social, contexto (tempo/espaço).

* *Master of Sciences in Education, Language and Literature Teaching* pela *Cornell University* (Estados Unidos), e *Ph.D. em Education-Applied Linguistics*, pela *Cornell University*. Pós-doutorado *Visiting Scholar, Teachers College*, pela *Columbia University* (Estados Unidos).

A mirada de Pratt (2008) salienta a relevância atribuída, através de séculos, à hegemonia do ser *homem, branco* e, preferencialmente, europeu e/ou americano (Estados Unidos), na dicotomia explorador/explorado, sobre os "outros", os excluídos do círculo dos que se julgam detentores de poder.

Enfatiza-se, também, a invisibilidade imputada e/ou sentida por personagens literárias; lança-se o olhar sobre um grupo minoritário – o dos descendentes de povos africanos. Aborda-se o tema a partir de exemplificações da literatura produzida por afro-americanos, em língua inglesa. Não há, por isso, a intenção de desmerecer produções literárias brasileiras, mas, ao mostrar ocorrências de *invisibilidade* em território mais distanciado, talvez seja facilitado um olhar mais preparado para desvelá-las em suas instâncias de invisibilidade (PRATT, 2008).

Parece, outrossim, que poder e hegemonia, em muitos países do mundo, ocupam posição de relevo como geradores de invisibilidade e, quiçá, possam explicar, em tal conexão, a ocorrência de silêncios, submissão, ostracismo impostos e/ou aceitos, bem como outros elementos que compõem o quadro da invisibilidade.

Inicialmente, apresenta-se uma situação de sala de aula, em seus modos de entender literatura, sem preocupação com um arcabouço teórico para invisibilidade e literatura. Deseja-se que alunos representem ligações entre literatura e identidade, culturas, tradições e invisibilidade, como as expressas e explicadas por alunos de Letras, cursando a disciplina Literatura de Expressão em Língua Inglesa, em 2006, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul.

Por que esse ponto de partida? Respostas podem ser muitas, no entanto escolheu-se a explicação que esses alunos, ao explicarem seu mapa conceitual¹ colaborativo, no final do semestre, explicitaram²:

Agora nos sentimos mais prontos para entender os laços e entremeios da literatura em relação à sua abrangência e importância, ligadas a questões da vida de personagens literários, como a da invisibilidade, a qual se apresenta como um grande guarda-chuva, sob o qual se abrigam coisas pelas quais, ao lermos textos literários, e em observações de nosso cotidiano, muitas vezes, passamos de roldão. Evitamos olhar para essa invisibilidade e senti-la ou ouvi-la. Não havíamos parado para refletir sobre tais em obviedades de nossa vida diária, em personagens e autores, expressas em textos literários.

O objetivo é refletir sobre o tópico *invisibilidade*, em literatura. Para tanto, após as três representações de alunos sobre literatura, em suas diversas relações, tenta-se delinear um quadro teórico, no qual se possa inserir o conceito "invisibilidade" em textos literários, enfatizando produções lite-

1 - Mapa conceitual (NOVAK; GOWIN, 1984) assemelha-se a um diagrama, porém tridimensional, por seu caráter proposicional, uma vez que as relações estabelecidas entre conceitos são evidenciadas e explicadas por frases. Um mapa conceitual caracteriza-se pela hierarquização dos conceitos: do mais abrangente aos mais particulares. Esses mapas são externalizações do modo como as pessoas constroem e organizam o conhecimento em determinada área ou tópico, em sua estrutura cognitiva.

2 - Tal constatação foi feita oralmente, quando da apresentação, e, depois, mais elaborada, por escrito.

rárias de afro-americanos. A parte teórica oferece exemplos da literatura para ilustrar padrões de invisibilidade.

Finalmente, seria presunção julgá-lo concluído. Sinaliza-se, por isso, para a necessidade de pesquisas que aprofundem tais estudos e para possibilidades de discussões sobre literatura e invisibilidade. Pretende-se, a partir deste trabalho, refletir sobre invisibilidade de personagens literários, bem como sobre seus autores e autoras. É objetivo sugerir uma busca para possíveis razões que levem alguém a aceitar evanescer-se. Há a sugestão para lançar mais um olhar sobre as chamadas minorias e, particularmente, sobre o papel relevante da literatura, ao exibir, em textos construídos de vozes e de silêncios, personagens imersos na diversidade das facetas de invisibilidade.

TRAMAS DE LITERATURA: REPRESENTAÇÕES DE ALUNOS DE LITERATURA EM LÍNGUA INGLESA

Em 2006, trabalhando com alunos de Letras-Ingês os conceitos de identidade e invisibilidade, em suas tramas interdisciplinares com literatura, visava-se a oferecer oportunidades de conhecer autores e autoras fora do paradigma para literatura em língua inglesa. Os alunos empenharam-se em conhecer James Baldwin, Langston Hughes, Ralph Ellison, Amy Tan, Toni Morrison e muitos outros. Questionavam: "O que podem ter em comum autores de tão diversos contextos?". Era a pergunta inicial mais frequente. Essa indagação permeava suas leituras e os encontros semanais. Tais interações, possivelmente, serviram para construir uma base que, aparentemente, tornaria mais significativas as leituras e atividades ao longo do semestre letivo.

A surpresa inicial daqueles alunos para entender o que alguns membros do grupo da anteriormente³ cognominada "Literatura Negra Americana", juntamente com descendentes de imigrantes estrangeiros, faziam ali serve de ponto de partida para este artigo.

O grupo salientou que interações com produções literárias como essas seriam relevantes para que aprendessem a pensar sobre a complexidade imbricada no conceito "literatura", em sua rede de significações construída por meio de suas relações com "identidade", "cultura(s)" e "invisibilidade" e de que teriam possibilidades de outras perspectivas de mirada, isto é, fora do olhar treinado ou hegemônico do padrão anglo-saxão (LÉVI-STRAUSS, 1979, 1983).

Conforme Lévi-Strauss (1979, 1983), tal modo de "mirar" pessoas e contexto, sob o viés de detentores do poder, influenciava excessivamente autores e leitores, a tal ponto que acabavam por escrever e ler com a "mirada treinada" dos grupos dominantes.

Talvez um dos muitos exemplos disso possa ser José de Alencar, o qual descrevia usos e costumes da sociedade de sua época (século XIX) como se fosse um explorador europeu em viagem pelo Brasil,

3 - "Anteriormente", aqui, quer dizer antes de surgir o que se chamou de "politicamente correto".

à cata do exótico. Teria, então, o mesmo "olhar treinado" do europeu – ocultando-se – ao contemplar e descrever seu entorno, seguindo o modelo daquelas descritas por viajantes europeus, em seus diários de viagem, quando por aqui passaram, como Darwin (BROWNE, 1989), Humboldt (PRATT, 1991) e Saint-Hilaire (1938).

Apresentam-se conexões entre o conceito *invisibilidade* com "identidade" e "cultura(s)" em produções literárias que representam lutas por visibilidade, voz e identidade, no entorno social ao qual pertencem. Salienta-se que a opção de aplicar o tema invisibilidade, particularmente, a textos afro-americanos ocorre porque instâncias, aqui trabalhadas, podem oferecer espaços privilegiados de reflexão sobre outros contextos literários, especialmente os de produções de autores brasileiros.

Pensando literatura em suas ligações com outros conceitos: interações

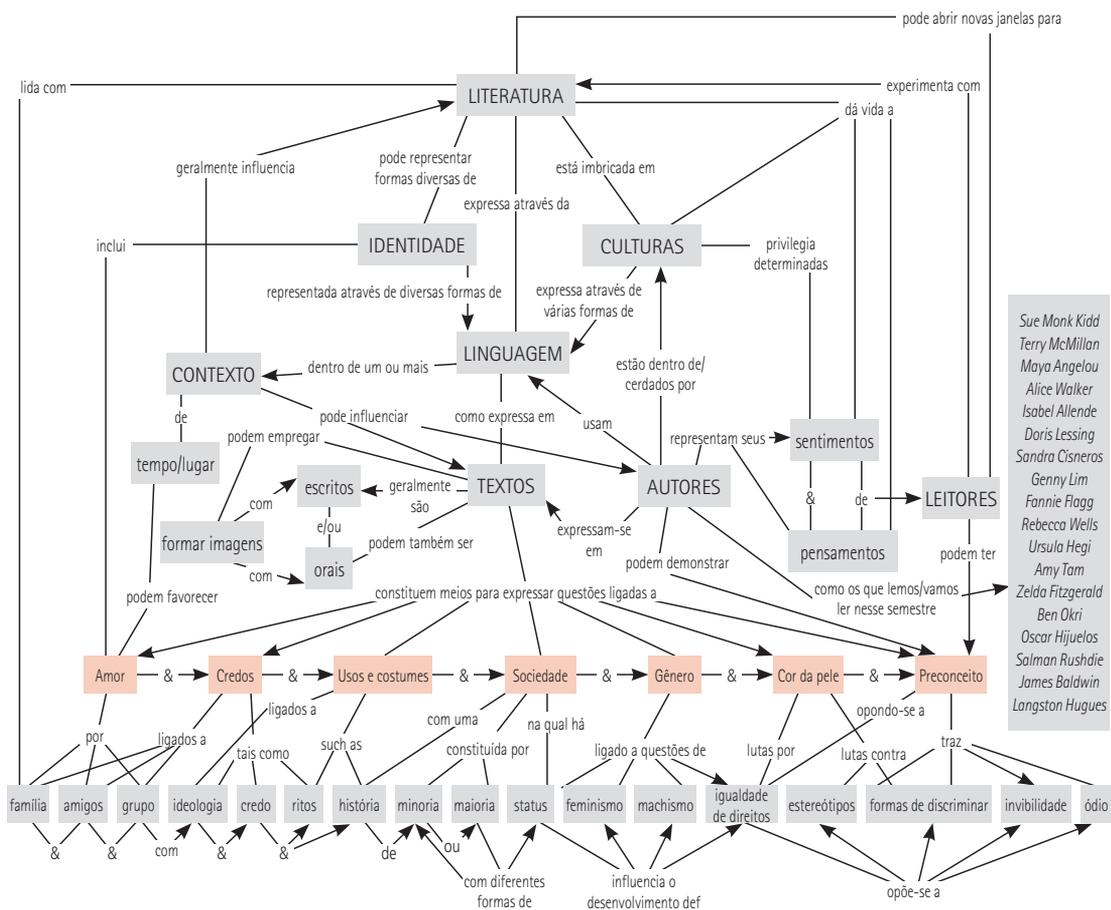
Uma possibilidade de mostrar a complexidade do tema pode ser um mapa conceitual elaborado, colaborativamente, ao final do primeiro mês letivo de 2006, por um grupo de alunos da disciplina Literatura de Expressão em Língua Inglesa, conforme Figura 1, na tentativa de responder à primeira questão básica, proposta em conjunto (professora e alunos) e advinda de leituras, atividades e discussões sobre literatura, identidade e culturas: "Como ou através de quais relações a literatura pode expressar identidade e culturas?"

Pode-se visualizar, por meio dos conceitos presentes e de suas ligações, a maneira de olhar e pensar a abrangência dos temas propostos: literatura expressa identidade e cultura(s) pela linguagem, em determinado contexto, em textos produzidos por autores mencionados no retângulo, à direita do mapa.

Em pequenos grupos, alunos discutiram questões como identidade, culturas, língua, contexto, todas interligadas ao conceito de literatura. Após os grupos apresentarem seus mapas aos colegas, em Power Point, houve debates sobre o que mais poderia ser acrescentado aos mapas, bem como sobre quais conceitos poderiam ser subtraídos, acrescentados e/ou substituídos por outros, quem sabe, mais relevantes. Finalmente, depois de os quatro grupos mostrarem e explicarem seus mapas aos colegas, seguiu-se uma tempestade de ideias, da qual se originaram novos conceitos, hierarquia (NOVAK; GOWIN, 1984)⁴ e conexões. Um novo mapa foi feito, para o qual cada grupo contribuiu igualmente. Todos concordaram que o mapa (Figura 1) representaria, naquele momento, os conhecimentos construídos; até então, em resposta à pergunta proposta: "Como literatura, em suas relações entre conceitos, pode expressar identidade e culturas?"

4 – Hierarquia, em um mapa conceitual, ligada à organização do mapa: os conceitos mais inclusivos ou abrangentes estão no topo do mapa, enquanto os outros conceitos a eles relacionados vão descendendo, em nível de relevância, até chegar aos conceitos mais particulares, localizados na parte inferior do mapa.

Figura 1 - Um mapa conceitual para literatura, com suas ligações com língua, cultura, textos e autores; primeiro mapa colaborativo feito por alunos de Letras com o English as Foreign Language (EFL), ao final do primeiro mês, na disciplina Literatura de Expressão em Língua Inglesa, em 2006.



- Sue Monk Kidd
- Terry McMillan
- Maya Angelou
- Alice Walker
- Isabel Allende
- Doris Lessing
- Sandra Cisneros
- Genny Lim
- Fannie Flagg
- Rebecca Wells
- Ursula Hegi
- Amy Tan
- Zelda Fitzgerald
- Ben Okri
- Oscar Hijuelos
- Salman Rushdie
- James Baldwin
- Langston Hughes

Fonte: Elaborada pela autora.

Explicações coletivas do mapa

Em suas explicações, apontaram para o fato de o quadro à direita do mapa conter unicamente exemplos, com os autores sugeridos para leitura. Salientaram “literatura” como conceito mais inclusivo, ao qual todos os outros se conectavam. “Linguagem” foi o conceito escolhido por ser mais amplo do que “língua”, por incluir elementos extralinguísticos, especialmente na leitura, e suas representações idiossincráticas na mente dos alunos dos textos literários a serem lidos e/ou vistos em filmes e/ou ouvidos em CDs.

Ressaltaram que linguagem/língua é instrumento de expressão em literatura, a qual vai representar identidade(s) e está embebida em poço/contexto de cultura(s); identidade(s) e cultura(s),

por sua emergência por meio da linguagem e dentro de um contexto (tempo/espaço), ou vários contextos, marcam textos e trazem à tona sentimentos e pensamentos, para que leitores construam emoções, sensações e pensamentos; textos literários são veículos para exprimir amor, crenças, tradições (história, usos e costumes), sociedade, gênero, raça e preconceito, conectados a conceitos de família, amigos, grupo, ideologia, credo, ritos, história, minoria, maioria, *status*, feminismo, machismo, igualdade de direitos, geração de estereótipos, discriminação, invisibilidade e ódio.

Talvez a questão proposta, no primeiro encontro do semestre, estivesse resolvida. No entanto, ao estudar o mapa, na tela, o grupo enfatizou que: 1. é necessário centrar mais no conceito "identidade"; 2. forças externas de influência e transformação na literatura, como globalização/americанизação ou saxonização, devem ser representadas; 3. o conceito de "poder", expresso em palavras e silêncios, nos textos, insere-se em "globalização" e, conseqüentemente, em "padronização", as quais tentam sufocar expressões únicas de identidade, relacionadas a um tempo/espaço particular; 4. o conceito "gênero" deve ficar mais nítido por sua importância na formação de identidade e visibilidade.

Ao final do primeiro bimestre, em novas interações, em pequenos grupos, e novas leituras de autores como James Baldwin e Alice Walker e com relação a textos anteriores, os alunos desenvolveram mapas conceituais para incluir, aí, suas ponderações e os sentimentos gerados pelas interações, após a apresentação cooperativa do mapa na Figura 1 (JOHNSON; JOHNSON, 1975).

Novas interações: novo mapa

O processo repetiu-se: grupos trouxeram para colegas seus mapas para negociar significados; em seguida, tempestade de ideias; finalmente, debate, seguido da construção de outro mapa, cuja finalidade seria complementar o da Figura 1, ampliando alguns significados e relações entre conceitos.

Assim, o mapa expresso na Figura 2 não anula ou inviabiliza o da Figura 1, mas torna-o mais abrangente no tratamento das relações de determinados conceitos presentes no primeiro mapa e/ou atribui mais ênfase a um ou mais conceitos (Figura 1).

Explicações do mapa pelos alunos

Seguindo a metodologia empregada, foi feita a apresentação do mapa (Figura 3), uma série de explicações quanto à organização, aos conceitos, às relações presentes nessa representação de conhecimentos construídos.

Aqui, o enfoque passa a ser "invisibilidade", ancorado no conceito de "literatura", que ganha, por suas ligações, significados e relevância maiores. Explicamos o mapa da Figura 3: a) "literatura" abriga os demais conceitos que julgamos pertinentes no caráter de suas ligações; b) "invisibilidade" surgiu, nesse semestre, como um aperfeiçoamento de nosso olhar e é marcante em muitos personagens, especialmente nas mulheres; c) "invisibilidade" através do que a linguagem do autor, com o dito e o não dito, escolhida para seus personagens, em ações, sensações, pensamentos e percepção de si mesmos (personagens); d) "invisibilidade" liga-se a questões de "identidade", pois, ao negar sua visibilidade por padrões impostos por "outros" – visíveis e com poder – muitos personagens submetem-se a situações de discriminação; e) incluímos "autores" e "leitores", uma vez que ambos podem optar por construções de "invisibilidade"; f) "poder" influencia, entre outros conceitos citados, "raça" e "gênero"; g) "gênero" e "raça" aparecem, nos textos, como os conceitos mais ligados à "invisibilidade"; h) o conceito de "visível" é o que tem o poder de se julgar capaz de se adequar ao paradigma homem + branco + posição social; i) "outros", na perspectiva dos nem sempre tão "visíveis", são os que ditam normas e influenciam seus "contextos", ou por não vê-los ou por querer mantê-los silenciados e presos a seus preceitos (Grupo de alunos de Literatura, 2006).

Olhar da professora fundamentado em interações com o grupo

Reitera-se a posição desse grupo quanto à incompletude desse mapa (Figura 3), porque, segundo eles, se o retomassem em uma semana, ou anos mais tarde, poderiam traçá-lo de outra forma, com novos conceitos e ligações mais especificadoras. Afirmaram: "Terminamos o semestre, mas não terminamos nossas construções sobre literatura, identidade e invisibilidade. Esses mapas foram um começo para entendermos melhor o tecido da literatura". Interações que, em 2006, basearam-se, unicamente, em sentimentos, pensamentos e ações originados pelos próprios textos literários, com leituras realizadas no contexto das experiências de cada aluno e pelas representações do conhecimento construído, por meio do sentir + pensar + agir (GOWIN, 1981), por alunos e professora, em suas relações entre as novas leituras e o que já sabiam (NOVAK; GOWIN, 1984), e que foram expressas em mapas conceituais.

Essas representações, apesar de livres de uma inserção em quadro teórico, parecem oferecer pontos de contato com as propostas teóricas apresentadas a seguir.

O CONCEITO "INVISIBILIDADE": APORTES TEÓRICO-PRÁTICOS

Não houve, naquela prática de sala de aula, interesse em verificar bases teóricas para debates sobre literatura e invisibilidade, justamente para que os alunos pudessem sentir liberdade para ler, pensar, sentir, compreender e recriar os textos, sem os limites de um referencial teórico, o qual, possivelmente, criaria obstáculos para a expressão espontânea, em interações e mapas. Se fossem, todavia, repetir a experiência hoje, talvez os alunos fizessem leituras que lhes oferecessem aportes teóricos sobre literatura e invisibilidade, visando a uma triangulação da experiência para verificar se o conhecimento da teoria teria influência sobre a compreensão dos alunos quanto às relações entre literatura e invisibilidade.

Assim, para este artigo, pode ser esclarecedor oferecer o traçado de um arcabouço teórico sobre o tema em questão. O termo *traçado* justifica-se porque há, por parte de alguns pesquisadores, a queixa de que o que existe sobre o assunto é, ainda, relativamente reduzido, considerando que há um número notável de escritores/as americanos descendentes de africanos e, também, um contingente cada vez maior de escritores/as descendentes de imigrantes das mais diversas procedências (HABERLY, 1983).

Salienta Haberly (1983), além disso, que os brancos americanos embrenharam-se na luta para que fossem considerados padrão nacional, por julgarem que constituem, sozinhos, o grupo majoritário em seu país. Esse poder refletir-se-ia, então, em pesquisas sob outros pontos de vista – não o de americanos brancos – que só agora (final do século XX) começam a surgir em maior quantidade.

Okpewho, Davies e Mazrul (2001, p. 234) enfatizam falta de pesquisa que busque razões para a invisibilidade de grupos e indivíduos qualificados como minorias, isto é, de como pessoas inteligentes e espertas, com fortes ligações a tradições, usos, costumes próprios "acabaram como seres marginalizados, depauperados e dominados".

Haberly (1983 apud OKPEWHO; DAVIES; MAZRUL, 2001, p. 316) afirma que a literatura americana, "com lamentáveis poucas exceções, vem sendo escrita por brancos, para brancos e sobre brancos. Personagens não brancos, na melhor das hipóteses, ficam à margem da trama, servindo apenas para colocar em relevo heróis e heroínas brancas, únicos símbolos nacionais".

Toni Morrison (1987), em *Beloved*, descreve uma cena de preparativos para um casamento entre uma de suas personagens centrais, Sethe, uma serviçal negra, que, em sua juventude, trabalhava em uma mansão de senhores brancos, e Halle, que se esfalpa durante sete dias por semana para um senhor branco. Sethe, com sua narrativa, pontua a pobreza e o conceito de casamento que os brancos têm entre descendentes de africanos: não há festa, apenas o acasalamento, rápido, em uma folga não oficial de trabalho. Contudo, Sethe sonha com minúcias que ouvira sobre o casamento, como a riqueza do vestido, os exageros de comida, o número de convidados.

O que ocorre nessa narrativa destaca a visibilidade da noiva branca, entre privilegiados brancos, com sua pompa, colocando os noivos muito acima da realidade vivida, na trama, pelos trabalhadores negros, e atribui prestígio à família branca.

Sethe conta para Beloved que costurou seu vestido a partir de pedaços de fronhas, toalhas de mesa e de um mosquiteiro. Com o vestido pronto, ela e Halle correm, de mãos dadas, para um campo de milho e, ali, acasalam-se. Assim, as duas narrativas, em contraponto, ofuscam, pelo brilho do casamento da branca e poderosa Senhora Garner, a união, escondida dos olhos de todos pelo mihalaral, dos dois personagens negros, corroborando as afirmações de Haberly (1983) e Okpewho, Davies e Mazrul (2001).

Klara Szmanko (2008) pesquisou o conceito "invisibilidade" em seus vários direcionamentos de significado e apresentou-os em seu livro *Invisibility in African American and Asian American Literature: a comparative study*. Destaca que invisibilidade, preferencialmente, é abordada em sua relação com a chamada maioria. O poder, conforme Szmanko (2008), é multidirecional, e talvez por isso haja vários padrões de invisibilidade, gerados por diversidade de formas de poder, como mecanismos de opressão e resistência, uso de estereótipos, os quais se tornam máscaras de proteção própria e/ou do grupo.

Okpewho, Davies e Mazrul (2001, p. 316) concordam com Szmanko quando afirmam que invisibilidade se aproxima bastante de "algo engendrado ou de uma criação necessária para dar suporte à imagem do homem branco como o ideal americano". O africanista, em consequência, deve ser excluído "para minimizar sua presença na construção do imaginário literário americano" (OKPEWHO; DAVIES; MAZRUL, 2001, p. 316). Contribuem para tal pensamento ideias de que "a dinâmica subjacente a tudo isso situa-se na aceitação de que os paradigmas para a humanidade sejam aqueles determinados por pensamentos ocidentais, ou eurocêntricos" (OKPEWHO; DAVIES; MAZRUL, 2001, p. 286).

Além disso, em muitos grupos de brancos americanos, há a tendência marcante de "distorcer e interpretar mal a vida de pessoas africanas e de seus descendentes ao empregarem a negritude como metáfora política para identificá-los como os despossuídos e os mentalmente prejudicados" (OKPEWHO; DAVIES; MAZRUL, 2001, p. 234).

Pensando em invisibilidade

O que é invisibilidade? Trata-se, aqui, de padrões de invisibilidade que não estão ligados a truques de mágica ou a poderes especiais, porém àquela que se mostra, ou desvela, em textos literários, tanto no dito como naquilo que não o é (LÉVI-STRAUSS, 1979, 1983).

James Baldwin (1984), escrevendo sobre a biblioteca de seu pai, no Harlem, relembra o momento no qual falavam – ele e sua prima – sobre o serviço religioso e no qual um pastor viajante discorria sobre as maravilhas do mundo invisível. Discutiam qual seria o significado da palavra "invisível". Tia Raquel a repetia, enfaticamente. O pai de James sugeriu que consultassem o *Walker's Dictionary* e o ia folheando até encontrar o verbete:

Finalmente, com muita consideração [...] anunciou o resultado. "Eis a palavra I-N-V-I-S-Í-V-E-L, alguma coisa que não pode ser vista. O irmão falou sobre um mundo invisível, querendo dizer que

é um mundo que nós não conseguimos ver." [...] Sentado à mesa, repetia, carinhosamente, para mim mesmo a palavra, com as mais variadas entonações. Imediatamente, ela ecoou de volta para as profundezas de meu tímpano interior, exatamente nos mesmos tons que o irmão empregara.

Quando se pensa a "invisibilidade", comumente há uma conexão com "os outros", isto é, com um estado de ser/não ser que pode ocorrer com aqueles fora do padrão racial de um grupo. Seguindo tal linha de raciocínio, não deveria haver motivo para invisibilidade entre os brancos nos Estados Unidos.

Franckenberg (1997) aponta, no entanto, para o fato de inúmeros brancos estarem marginalizados por várias razões, porém passíveis de resumir-se a duas principais: brancos que não se marcam como tal e/ou brancos que marcam comunidades não brancas. Afirma também que a cor branca não é marcada, e, portanto, seu significante é vazio: "ser branco, para os próprios brancos, é não ser uma porção de coisas" e só "se constitui através da construção através de uma gama de *outros*" (FRANCKENBERG, 1994, p. 63-64).

Franckenberg (1994) observa, ainda, que a invisibilidade de tais *outros* é o que permite, por comparação a esses *outros*, que os brancos sejam capazes de se definir como tal.

Norman Mailer (1957) posiciona-se a esse respeito de modo que ele mesmo considera-se um radical, ao afirmar que os brancos tomaram características dos negros, por exemplo, em relação ao *jazz*, o qual viria a ser um ponto de convergência entre brancos e negros, por seu som inovador. Na visão de Mailer (1957, p. 276), após as turbulências físicas e psíquicas de catástrofes, como campos de concentração, bomba atômica, talvez, pela primeira vez na história recente da humanidade,

[...] fomos forçados a viver com a supressão do conhecimento das menores facetas de nossa personalidade [...] e a ausência de ideias e de personalidade pode significar que ainda estejamos fadados a morrer como uma cifra [...] porém nossa morte permaneceria ignorada, sem honras, e não marcada.

Mailer (1957) valoriza o papel do contexto, especificamente o do século XX, no cenário da invisibilidade e no silenciamento de muitos, ante o poder das superpotências, em geral brancas, do Ocidente. Escreveu, no já citado artigo, que

[...] era praticamente impossível alguém conseguir manter sua individualidade e usar sua própria voz [...]. A única coragem [...] é a coragem isolada de pessoas isoladas, [...] a viver sem raízes [...]. O negro tem a mais simples das alternativas: viver uma vida em constante humildade e em perigo constante (MAILER, 1957, p. 276).

Szmanko (2008) e Mailer (1957), apesar de postarem suas vozes em diferentes espaços-tempos, apresentam quadros semelhantes no que se refere a necessidades percebidas por pessoas e grupos de seguir paradigmas ditados pela "maioria" branca, e uma sobrevivência mais tranquila dependeria

do grau de invisibilidade, para o qual negar a voz seria condição *sine qua non* para viver em relativa normalidade (SIMPSON; LEWIS, 2005). Viver e ser visto e ouvido caracterizam os rebeldes que lutam pela causa da liberdade, com direitos de visibilidade, voz e identidade.

James Baldwin (1995a), consagrado escritor negro, em um de seus ensaios, usa a metáfora da gaiola, ou jaula, para representar essa invisibilidade forçada para permitir escapar, pelos menos um pouco, de humilhações e ameaças lançadas pelo contexto hostil: "Nós [negros] moldamos nossa forma, é verdade, dentro e contra as grades daquela gaiola que a realidade nos atribuiu ao nascermos: ... preto é a cor do mal" (MARX, 1967, p. 168).

Gary Marx (1967) completa, afirmando que alguns brancos poderiam, também, dizer, como Baldwin (1995b, p. 168), que "branco é a cor do mal; nós, caucasianos de classe média, precisamos, realmente, conviver com isso?". Invisibilidade, portanto, não é questão que pertence exclusivamente a negros e brancos: abrange todos os grupos e indivíduos à margem da sociedade – aquela a qual, naturalmente, pertenceriam e aquela, mais abrangente, na qual os mais diversos grupos buscam seu direito de pertencer. Os descendentes de africanos, afirma, nasceram no país, e seus antepassados foram arrancados da África para aí servir, por séculos, como escravos maltratados e torturados, em um país desconhecido e hostil.

Por que, então, a invisibilidade se esses descendentes de africanos são americanos e se para a América foram "trazidos" por brancos sem escrúpulos? Os habitantes dessa "colônia" inglesa os receberam com o intuito único de gerar riqueza, com o mínimo de gasto, de ter mordomias domésticas e/ou servir de receptáculo para luxúrias do poder branco, na casa-grande, produzindo mais mão de obra escrava.

Conforme Opkewho, Davies e Mazrul (2001, p. 235-236): "Imigrantes africanas eram vistas pelos brancos como uma *commodity* especial. [...] mulheres negras eram usadas não apenas para reprodução de crianças negras, mas para reprodução de crianças de senhores de escravos, incluindo aquelas nascidas como fruto de violentos estupros".

Padrões de invisibilidade?

Szmanko (2008, p. 6) aborda essa questão apontando diversos padrões de invisibilidade, pois entende que há padrões distintos de ser "invisível".

Invisibilidade externa

Invisibilidade externa é a exercida de fora para dentro, na qual se inclui a invisibilidade imposta pelas maiorias sobre as minorias. Insere-se, nesse tipo de invisibilidade, a de gênero, incluindo aí a situação das pessoas que não cabem no paradigma apertado que serve para definir o que venha, ou não, a constituir a figura masculina idealizada pela maioria branca e masculina. Quem estiver fora dos padrões deve lutar contra discriminação, preconceito, isolamento e estereótipos.

James Baldwin (1995) afirmou, em seu ensaio "Freaks and the American ideal of manhood", que se já era difícil ser negro nos Estados Unidos, imagine ser também homossexual e, dessa forma, fugir, completamente, da ideia americana de masculinidade. Complementa que "talvez a palavra mais precisa seja 'ideal' de masculinidade, cujas raízes estão na criação de cowboys e índios, os bonzinhos e os maus, os machões e os mais delicados, as *lésbicas* e os *gays*⁵, os brancos e os negros" (BALDWIN, 1995, p. 815).

A problemática do gênero, como invisibilidade exercida de fora para dentro, atinge também mulheres brancas, tanto como personagens de textos literários como escritoras. Zelda Fitzgerald sofreu ataques à sua voz e visibilidade por seu marido, autor dos mais famosos na literatura americana, Scott Fitzgerald, que teria plagiado, conforme sua neta, Mary Gordon, trechos de produções literárias de Zelda e que se tornaram conhecidas como produções de Scott (BRUCCOLI, 1991; CLINE, 2002).

Além disso, ele internou-a em clínicas, como esquizofrênica, por causa de seu comportamento fora dos padrões considerados "normais" para a sociedade poderosa da década de 1930. Zelda poderia ofuscá-lo e criar-lhe problemas em suas relações com seus companheiros de festas e bebida, fazendo-a, então, passar por desumanos tratamentos que a deixavam letárgica. Calou-lhe a voz. Em uma de suas cartas a seu marido, escreveu:

Sua amada carta fez com que me sentisse autocondenável. Muitas vezes lhe falei que sou aquele peixe pequenino que nada sob um tubarão. [...] A vida move-se sobre mim como uma enorme sombra negra [...]. Então é fácil para você fazer-se amar quando alguém depende desse amor para viver (BRUCCOLI, 1991, p. 465).

Invisibilidade interna

Invisibilidade interna seria a que ocorre entre diferentes camadas de grupos de americanos descendentes de africanos e de imigrantes asiáticos, dentro de seu próprio grupo, dependendo do padrão social no qual se incluem; isto é, os que se colocam no quadro da classe média poderão excluir de seu foco de visão aqueles membros do grupo de imigrantes ou do de descendentes de africanos que estiverem, em sua maneira de olhar o mundo, abaixo de seu nível social.

Szamanko (2008) inclui nessa categoria a invisibilidade de um grupo em relação a outro: afro-americanos poderiam, por serem americanos natos, não concordar em dar visibilidade a imigrantes asiáticos ou africanos e europeus por não haverem nascido nos Estados Unidos. Da mesma forma, imigrantes imputariam invisibilidade a afro-americanos por razões ligadas, em seus sistemas de crenças e valores, a fatores como emprego, dinheiro, cor da pele, tradições.

5 - A tradução mais apropriada para os termos fortes de Baldwin – *butches* e *faggots* – poderia ser "sapatonas" e "veados", porém julguei-as por demais ofensivas e tentei abrandá-las um pouco. O autor, no entanto, intencionava, mesmo, chocar seus leitores.

Invisibilidade figurativa

Caracteriza-se pela mirada que o mundo externo lança sobre sociedades minoritárias. Grupos majoritários só conseguem ver os "outros" – não pertencentes ao seu grupo – através das lentes dos estereótipos. Por exemplo, na obra de Harriet Beecher Stowe (1901), *Uncle Tom's Cabin or life among the lowly*, publicada em 1852, os escravos são apresentados como pessoas com limitado grau de inteligência, dóceis, bonzinhos e obedientes. De suas páginas nasceram inúmeros estereótipos, como o a da mãe preta, dos negrinhos que faziam rir (sob pena de apanhar com uma vara) com suas imitações e os escravos a quem todos trapaceavam, entretanto essas atitudes de inferioridade tornavam seus superiores mais satisfeitos. Já, no próprio título, a autora, que viveu os tempos da escravatura como senhora branca cercada de escravos, salienta, como título alternativo, *Life among the lowly [Vida entre os humildes]*⁶, demonstrando, assim, seu olhar de superioridade sobre os africanos que a serviam.

As cenas dessa história, como indica seu título, situam-se entre uma raça até aqui ignorada pelas associações com a sociedade educada e refinada; uma raça exótica, cujos ancestrais, nascidos sob um sol tropical, trouxeram consigo, e perpetuaram entre seus descendentes, um caráter tão essencialmente diverso da forte raça anglo-saxônica dominante mesmo que, por muitos anos, tenha recebido apenas incompreensão e desconsideração (BEECHER STOWE, 1901, p. iii).

James Baldwin (1984, p. 13), em seu ensaio "Everybody's protest novel", considera o romance de Stowe verdadeiro "repositório de estereótipos", a começar por seu personagem central, Uncle Tom, que se insere no estereótipo de *pessoa sim-sim*, que concorda, infalivelmente, com seus superiores. Todavia, é Tom o primeiro personagem negro que se revela como herói, ao se rebelar contra a opressão branca. Todavia, como ensina o romance de Stowe, quem não se submete à lei e ordem dos superiores busca sua desgraça. Além disso, Baldwin (1984, p. 14) enfatiza que tal romance, considerado abolicionista durante décadas, deixa sem qualquer pista de resposta e sem qualquer forma de visibilidade a mais importante pergunta que atravessa as entrelinhas do texto: "O que moveu, afinal, pessoas brancas, como ela, a cometer atos tão terríveis?".

Invisibilidade literal

Conforme Szmanko (2008, p. 6-7), esse padrão de invisibilidade decorre da figurativa: o mundo exterior não os consegue perceber porque, de tanto assumirem características impostas pelos outros, deixam de ser eles próprios para tornarem-se imperceptíveis. Assumem, como proteção, iden-

6 - O termo *lowly*, em inglês, tem sentido pejorativo nesse contexto, indicando, sempre, inferioridade, primitividade.

tidades que não são as suas, pela manipulação dos estereótipos assumidos. Quando descobrem que o mundo situado no paradigma ditado pelo poder – geralmente branco – não deseja vê-los com suas próprias características, passam também a assumir a condição de *invisíveis*.

Conforme Baldwin (1984), ao desempenharem papéis ditados pelo estereótipo, como o daquele menino da obra de Stowe, que imita uma pessoa em seu andar, falar, gesticular, na expressão facial, sob a ameaça de uma vara, nas mãos de um branco, para livrar-se de castigos e de tarefas sujas e difíceis, o menino repete *ad nauseam* tais trejeitos que trazem gargalhadas dos senhores de escravos, porém, em consequência, nem sabe mais qual sua identidade, senão aquela que usa para se proteger da violência gratuita dos opressores.

Os personagens, por sentirem-se oprimidos, capitalizam-se em sua invisibilidade, a qual lhes serve de escudo em relação ao mundo exterior. O preço disso é o de terem dificuldades de, eles próprios, perceberem-se como pessoas com identidade própria (SZMANKO, 2008, p. 8). Veem-se como pensam que os outros, com poder, veem-nos, ao encobrirem sua identidade. Perdem sua visibilidade ao aceitarem e usarem máscaras que compõem o estereótipo – seja ele qual for – e, ao tornarem-se cegos, não mais vislumbram nem aos outros nem a si próprios (RIVERA, 2009).

A máscara é construída pelas referências que constituem um estereótipo e passa a formar uma proteção contra a possível violência. É, também, um modo de enganar o opressor, o qual, dificilmente, preocupa-se em atravessar a máscara, porque pode ser bem mais conveniente aceitar a máscara do oprimido, fingindo que está tudo bem. Máscara, resultado de estereótipos, associa-se à cegueira, que demonstra como as pessoas não se dão conta da verdade que as cerca ou, melhor, usam-na para não serem vítimas dessa verdade. Ganham, através da cegueira – uma forma de invisibilidade –, maior liberdade e mobilidade.

APONTANDO PARA NOVAS REFLEXÕES

Retomando os mapas conceituais dos alunos, talvez fosse cabível sugerir que, em suas representações e explicações, chegaram perto das hipóteses teóricas aqui apresentadas. Há muito a pesquisar sobre as relações de invisibilidade entre as tramas da literatura, principalmente aquela fora do paradigma centrado no homem + branco + ocidental. Porém, mesmo em autores do cânone literário americano, como Steinbeck, Twain, Faulkner, Tennessee Williams, Salinger, Poe, T. Wilder, O'Neill, há um repositório de instâncias de invisibilidade, entre a gama de seus personagens. Enfim, há possibilidades de muita pesquisa sobre invisibilidade, pois, como foi afirmado aqui, o que existe é ainda muito pouco e sem muita visibilidade.

Este artigo pretende ser um convite à exploração do tema por professores, alunos e pesquisadores. Coloca-se, aqui, uma citação que, talvez, resulte em maiores reflexões sobre o tema:

Escuta minhas palavras, homem branco! Um homem é um homem; uma mulher é uma mulher; uma criança é uma criança. Negar esses fatos é abrir as portas para um caos muito mais profundo e mortal, e, no espaço de vida de uma pessoa, mais atemporal, mais eterno do que a visão medieval de Inferno. Homem branco, já chegaste a essa blasfêmia, para a qual não há palavras, unicamente para ganhares dinheiro (BALDWIN, 1995b, p. 726).

REFERÊNCIAS

BALDWIN, J. *Notes of a native son: collected essays*. New York: Beacon Press, 1984.

_____. *The evidence of things not seen*. Collected essays by Toni Morrison. New York: H. Holt & Company, 1995a.

_____. *The white man's guilt*. Collected essays. New York: H. Holt & Company, 1995b.

_____. *In my youth*. The Baldwin project. Disponível em: <<http://mainlesson.com>>. Acesso em: 29 jan. 2010.

BEECHER STOWE, H. *Uncle Tom's Cabin or life among the lowly*. New York: W. Hurst & Co., 1901.

BROWNE, J. (Ed.). *The voyage of the Beagle: Charles Darwin's journal of researches*. London: Penguin Classics, 1989. Digitalizada pelo Google.

BRUCCOLI, M. J. (Ed.). *The collected writings of Zelda Fitzgerald*. Introduction by Mary Gordon. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 1991.

CLINE, S. *Zelda Fitzgerald: her voice in paradise*. New York: Arcade Publishing, 2002. p. 66-68.

FRANCKENBERG, R. Whiteness and Americanness: examining constructions of race, culture, and nation in white women's life narratives. In: GREGORY, S.; SANJEK, R. (Ed.). *Race*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1994. p. 62-77.

_____. Local whiteness. In: _____. *Displacing whiteness: essays in social criticism*. Durham: Duke University Press, 1997. p. 1-31.

GOWIN, D. B. *Educating*. Ithaca: Cornell University Press, 1981.

HABERLY, D. *Three sad races*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

JOHNSON, D. W.; JOHNSON, R. T. *Working together and alone*. New Jersey: Prentice Hall, 1975.

LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1979.

_____. *Le regard éloigné*. Paris: Pion, 1983.

MAILER, N. *The white negro*. Dissent. Wyoming: Sheridan Press, 1957.

MARX, G. *The white negro and the negro white*. Phylon: the Atlanta review of race and culture. Atlanta: Clark Atlanta University Press, 1967. p.168-177.

MORRISON, T. *Beloved*. New York: Random House, 1987.

NOVAK, J. B.; GOWIN, D. B. *Learning how to learn*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

OKPEWHO, I.; DAVIES, B. C.; MAZRUL, A. A. *The African diaspora: African origins and New World identities*. Bloomington: Indiana University Press, 2001.

PRATT, M. L. Humboldt e a reinvenção da América. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 151-165, 1991.

_____. *Imperial eyes: travel writing and transculturation*. New York: Routledge, 2008.

RIVERA, T. *The significance of motifs in the invisible man*. New York: Associatedcontent.com, 2009.

SAINT-HILAIRE, A. *Segunda viagem ao interior do Brasil*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1938.

SIMPSON, R.; LEWIS, P. An investigation of silence and a scrutiny of transparency: reexamining gender in organization literature through the concepts of voice and visibility. *Human Relations*, London, v. 58, n. 10, p. 1253-1275, 2005.

SZMANKO, K. *Invisibility in African American and Asian American Literature: a comparative study*. Jefferson: McFarland & Company, 2008.